

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Georgea Diedrich Peixoto

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA:
ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS AULAS**

PORTO ALEGRE

2021

Georgea Diedrich Peixoto

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA:
ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS AULAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão de graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

Porto Alegre

2021

Georgea Diedrich Peixoto

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA:
ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS AULAS**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – Instituição

Prof. Dr. – Instituição

Prof. Dr. – Instituição

Orientador – Prof. Dr. Guy Ginciene – UFRGS

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível com o apoio de diversas pessoas especiais em minha vida, que acreditaram junto comigo e estiveram ao meu lado quando precisei. Gostaria de agradecer primeiramente à minha família. Ao meu pai, por ser meu maior incentivador na Patinação e na vida, à minha mãe, por me ensinar a ser forte e a seguir meus objetivos, à minha irmã, por estar do meu lado nos momentos difíceis e sonhar junto comigo.

Meus colegas e minhas colegas da faculdade, que se tornaram amigos e amigas que quero levar para a vida, obrigada por tornarem esse ciclo mais leve e divertido. Acredito muito que nossas vidas se cruzaram por um motivo muito especial, no momento certo.

Aos meus treinadores e treinadoras da Patinação, que me ensinaram o que sei sobre o esporte, fizeram parte da minha trajetória e me fizeram amar tudo isso, sou muito grata. Aos que aceitaram participar dessa pesquisa em prol do esporte, mesmo sem me conhecerem bem, agradeço pela confiança.

Aos meus professores, desde a escola até a graduação, obrigada pelos ensinamentos e lições de vida. Agradeço especialmente ao professor Guy, que aceitou ser orientador deste trabalho e esteve sempre disposto a me ajudar, te admiro muito.

Estou muito orgulhosa por concluir mais essa etapa da vida e contribuir para o esporte que tanto amo. É muito emocionante e gratificante para mim. Espero seguir meu caminho com muito empenho e dedicação, com leveza e alegria, agregando na vida das pessoas. Obrigada!

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi o de conhecer a prática pedagógica de professores/treinadores de Patinação Artística do Rio Grande do Sul e refletir sobre seus planejamentos. Para isso, foi utilizada uma metodologia de natureza qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os treinadores e treinadoras. Os dados dessas entrevistas foram registrados por gravações via Skype para posterior transcrição e análise. Foi constatado que os treinadores(as) entrevistados(as) utilizam métodos diferentes para organização e planejamento de aulas, sendo eles escrito, mental e intuitivo.

Palavras-chave: Patinação Artística. Planejamento. Prática Pedagógica. Treinadores.

ABSTRACT

The aim of this research was to get to know the pedagogical practice of Artistic Skating teachers/coaches in Rio Grande do Sul and reflect about their plannings. For that, a methodology of qualitative nature was used, in which semi-structured interviews were conducted with the coaches. The data of these interviews was registered through recordings via Skype to future transcription and analysis. It was found that the interviewed coaches use different methods of organization and planning for their classes (i.e., written, mental and intuitive).

Key-words: Artistic Skating. Planning. Pedagogical Practice. Coaches.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVO.....	9
3. MARCO TEÓRICO.....	10
3.1 PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	10
3.2 PLANEJAMENTO.....	10
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
4.1 MÉTODO.....	12
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	12
4.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	13
4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	14
5. RESULTADOS.....	16
5.1 TRAJETÓRIA.....	16
5.2 PLANEJAMENTO DAS AULAS.....	18
5.3 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS.....	23
5.4 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....	26
5.5 REFLEXÕES DAS TREINADORAS.....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A.....	34

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se devido aos questionamentos que surgiram durante o percurso acadêmico e as aulas de Patinação Artística. Desde os 7 anos sou praticante deste esporte, sendo ele que me acompanhou por minha infância, adolescência e atualmente na vida adulta. Fui atleta e competi constantemente até os meus 13 anos, participando e obtendo títulos em campeonatos estaduais e nacionais. Após isso me afastei das competições, retornando às pistas nos últimos anos, mas com outros objetivos. Desde 2015 trabalho com aulas de Patinação Artística, inicialmente como monitora e atualmente como professora, pretendendo seguir ministrando aulas nesse esporte em minha vida profissional.

Ao ingressar na faculdade de Educação Física e começar a estudar sobre pedagogia e treinamento, comecei a refletir sobre as aulas de patinação que já experienciei e não me lembrava de os treinadores comentarem sobre planos de aula e planejamento, também não falavam claramente sobre os objetivos que queriam alcançar. Assim comecei a me questionar sobre a realização desse planejamento, se os treinadores o realizavam de alguma forma, se seria interessante para o andamento das aulas e se poderia contribuir para desenvolver mais o esporte. Apesar dos treinadores conhecerem o processo de aprendizado na Patinação, talvez eles não coloquem isso de uma forma mais organizada e produtiva. Tendo isto em vista, muitas vezes as aulas podem se tornar repetitivas e ofertando menos experiências para os praticantes.

Portanto, este trabalho teve como intuito esclarecer algumas dúvidas a respeito da organização e planejamento das aulas ministradas por treinadores(as) de Patinação Artística do Rio Grande do Sul e com isso refletir sobre as práticas pedagógicas aplicadas nesse esporte que faz parte da minha vida.

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as percepções de alguns treinadores e treinadoras de Patinação Artística do Rio Grande do Sul sobre aspectos de suas práticas pedagógicas.

3. MARCO TEÓRICO

3.1 PATINAÇÃO ARTÍSTICA

A Patinação Artística sobre rodas é um esporte que deriva-se da patinação no gelo, inicialmente utilizada para atravessar lagos congelados e posteriormente para o lazer (BRANDÃO, 2009). Os primeiros patins sobre rodas surgiram com a vontade dos praticantes de patinar mesmo no verão, quando os lagos não estavam mais congelados. A patinação chegou ao Brasil no início de 1900, tornando-se motivo para os encontros da elite em parques. Sua prática levou ao desenvolvimento do esporte chamado de Patinação Artística, em que os patinadores se apresentavam para o público e eram avaliados pela sua performance sobre patins (BRANDÃO, 2009)

Segundo Dias (2006), esta atividade pode ser praticada com fins de desempenho esportivo, condicionamento físico e lazer. É um esporte complexo que une diversas valências físicas, como força, flexibilidade, condicionamento aeróbico, anaeróbico, equilíbrio e coordenação motora (TUDURY, 2009), sem deixar de lado a graciosidade, leveza, expressão corporal e arte.

No Rio Grande do Sul, a Federação Gaúcha de Patinagem (FGP) foi fundada em 10 de agosto de 1973, com o objetivo de difundir, orientar e incentivar o esporte no estado, autorizar e supervisionar competições de todas as modalidades de patinagem, representar o esporte, entre outros. Além disso, a FGP é filiada à Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação (CBHP). Segundo o site da Federação, são modalidades da Patinação: corrida sobre Patins em Linha; corrida sobre Patins Tradicional; Hóquei sobre Patins em Linha; Hóquei sobre Patins Tradicional; Patinação Artística; toda e qualquer modalidade esportiva sobre Patins Tradicional ou Patins em Linha.

3.2 PLANEJAMENTO

O planejamento de ensino é uma etapa da prática pedagógica de professores e professoras, “é uma construção orientadora da ação docente, que como processo, organiza e dá direção a prática, coerente com os objetivos a que se propõe”

(BOSSLE, 2002, p. 31). O planejamento está inserido em um processo de reflexão, organização e coordenação da ação docente, em que se decide de que forma serão conduzidas as aulas e é avaliado constantemente, podendo ser alterado e adaptado.

O planejamento e a organização de aulas são muito importantes, não só no esporte, mas no meio escolar também, envolvendo diversas práticas. Segundo Cortela e Souza (2021), “um planejamento coerente garante que a aula seja minimamente atrativa e alinhada ao objetivo da sessão de treino, contribuindo para que a sessão se torne mais efetiva” (p. 210). É importante que os treinadores e treinadoras analisem o contexto e tracem objetivos, considerando também as vontades de seus alunos nessa equação. “Dessa forma, quanto mais específica, ajustada ao contexto e passível de avaliação for a meta, maior a probabilidade de ser compreendida pelos jogadores e de ser concretizada” (CRESPO; MILLEY, 1999, *apud* CORTELA; SOUZA, 2021).

Contudo, apesar da importância do planejamento, nem todos treinadores e treinadoras o realizam. Normalmente, há pouco ou nenhum tempo disponível para a realização dessas tarefas e muitas horas ministrando aulas, carecendo de incentivos e tempo para realizá-lo (GINCIENE *et al*, 2019). Essa falta de tempo pode acarretar no abandono desse momento de organização e planejamento da prática pedagógica, pois o(a) professor(a) teria que utilizar seu tempo de lazer e descanso para tal atividade.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 MÉTODO

A metodologia utilizada na pesquisa foi de natureza qualitativa, descritiva e transversal, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas para compreender de forma mais profunda como as treinadoras¹ de Patinação Artística dizem organizar e planejar suas aulas. Segundo Gressler (2004), a pesquisa qualitativa se difere da quantitativa “à medida que não emprega instrumentos estatísticos como base no processo de análise” (p. 43). Mais do que isso, a preocupação de quem se utiliza desse tipo de pesquisa “é com a descrição e apresentação da realidade tal como é em sua essência” (GRESSLER, 2004, p. 43). Sendo assim, o estudo teve caráter qualitativo, tendo em vista que o objetivo foi entender de forma mais clara as percepções de cada treinadora sobre sua prática pedagógica.

Para os fins deste trabalho, o método descritivo foi fundamental, por conseguir captar de forma mais profunda todas as questões a serem esclarecidas a respeito das aulas de Patinação. A pesquisa descritiva se utiliza para descrever fenômenos e situações, identificar problemas e, percebendo como os outros estão lidando com problemas similares, pode facilitar planos e decisões futuras (GRESSLER 2004).

Dessa forma, optou-se nesta pesquisa por utilizar entrevistas semiestruturadas, com possibilidade de perguntas complementares. A entrevista semiestruturada é constituída em torno de um corpo de questões do qual o entrevistador parte para uma exploração em profundidade (GRESSLER, 2004). Segundo Gaya (2016), as entrevistas parcialmente estruturadas exigem um tema central orientador, todavia as questões são abertas. O pesquisador tem liberdade quanto à retirada eventual de algumas perguntas, alterar a ordem das perguntas e, eventualmente acrescentar novas perguntas.

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

¹ A partir desta parte da pesquisa optou-se por tratar no feminino todos os treinadores e treinadoras. Com intuito de preservar a identidade dos entrevistados, foi trocado o nome real por nome fictício feminino, como será explicado na parte de Procedimentos Éticos deste trabalho.

As participantes desta pesquisa foram treinadoras de Patinação Artística que são ou já foram filiadas à Federação Gaúcha de Patinagem durante sua trajetória. Primeiramente entrei em contato com duas treinadoras que passaram pela minha trajetória e a partir delas consegui a indicação das demais participantes, utilizando o método Bola de Neve. Segundo Dewes (2013), a amostragem em bola de neve se utiliza de uma rede de amizades dos membros da amostra, as pessoas selecionadas pelo pesquisador são incumbidas de indicar outras pessoas para a amostra, a partir de seus contatos. Portanto, a partir da entrevista com as treinadoras que tenho vivência, foram indicadas outras treinadoras, que foram convidadas a participar da pesquisa. Ao aceitarem participar, foi requisitado o preenchimento do TCLE e agendada uma data em que foi realizada a entrevista via Skype.

Segundo Gaya (2016), nas pesquisas qualitativas a seleção dos participantes é, normalmente, intencional e voluntária. O pesquisador seleciona e convida os participantes que ele reconhece serem capazes de lhe fornecer as informações inerentes às suas questões de pesquisa. Desta forma, nesta pesquisa as participantes foram escolhidas pelos seguintes critérios: serem treinadoras de Patinação Artística e serem ou terem sido filiadas à Federação Gaúcha de Patinagem.

As entrevistas ocorreram com 10 treinadoras, todas as participantes preencheram o TCLE e participaram da entrevista via Skype. Ao longo da realização das entrevistas houve dificuldades de acessar mais treinadoras, algumas não responderam às mensagens; outras corresponderam positivamente ao contato, mas não puderam comparecer na entrevista online e não foi possível remarcar. Com isso, o número de participantes da pesquisa ficou em 10 treinadoras.

4.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Após a realização das entrevistas via Skype com as treinadoras, foi iniciado o processo de transcrição das gravações. Foram 6 horas, 20 minutos e 50 segundos de gravações de entrevistas, resultando em 71 páginas transcritas. A partir das transcrições, as entrevistas foram analisadas com base em uma “análise temática”, proposta por Braun, Clarke e Weate (2017). Segundo os autores, “a análise temática faz parte de um conjunto de abordagens analíticas que você pode usar se quiser

identificar padrões de significado em um conjunto de dados qualitativos” (BRAUN, CLARKE E WEATE, 2017, p. 191, tradução nossa).

Dessa forma, as entrevistas foram lidas atentamente e foram realizados comentários nos seus respectivos trechos, gerando ao total 263 códigos. Esses códigos foram passados para uma tabela e divididos por cores de acordo com a semelhança de assunto. Após análise em conjunto com o professor orientador, foram gerados cinco temas, sendo eles: (1) trajetória, (2) planejamento, (3) desenvolvimento das aulas, (4) estrutura e organização das escolas e (5) reflexões das treinadoras.

Em seguida, cada tema foi organizado em uma sequência que ficasse mais fácil para o entendimento do(a) leitor(a) e assim foi feito um resumo. Por último, foi dissertado mais profundamente sobre os assuntos, trazendo os trechos das entrevistas, que são as evidências, e alguns comentários e reflexões acerca da temática.

4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com número do Certificado de Apresentação e Apreciação (CAAE) 37154920.0.0000.5347. Todas as interessadas em participar da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, assim como os procedimentos a serem realizados. Foi solicitado o preenchimento do documento por todas as entrevistadas via Google Forms, ferramenta de formulários do Google. O TCLE será guardado por 5 anos em uma pasta no Google Drive da pesquisadora.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta também poderia oferecer alguns riscos em relação à entrevista, como: vergonha, inibição, desconforto em relação à exposição das suas ideias e opiniões. Cabe ressaltar, no entanto, que estes riscos foram mínimos e que as participantes puderam recusar-se a participar a qualquer momento e solicitar que algum dado não fosse registrado na gravação de áudio e vídeo. Os dados da pesquisa são confidenciais e nenhum nome será divulgado, nem mesmo nas gravações de áudio.

Sendo assim, para preservar a identidade das entrevistadas e entrevistados, foi decidido substituir seus nomes reais por nomes fictícios, todos eles femininos. Por ter menos homens treinadores de Patinação Artística no Rio Grande do Sul do que mulheres, seria mais fácil ligar o nome fictício masculino ao indivíduo. Por isso, durante o desenvolvimento do trabalho, todos os entrevistados e entrevistadas serão tratados no feminino, o que também é interessante, pois quebra um pouco a tradição masculina no meio da pesquisa. Sendo assim, os nomes fictícios escolhidos para esse trabalho são: Betina, Carol, Fernanda, Giovana, Laura, Letícia, Pietra, Roberta, Thais e Virgínia.

Com esta pesquisa foi possível compreender melhor as percepções de algumas treinadoras do Rio Grande do Sul sobre o planejamento e organização de suas aulas, podendo ser refletido como funciona o processo pedagógico para as aulas de Patinação Artística das entrevistadas.

5. RESULTADOS

5.1 TRAJETÓRIA

As treinadoras entrevistadas foram questionadas sobre sua trajetória na Patinação Artística, se foram atletas, como se interessaram por serem treinadoras e se tinham formação acadêmica. Todas as dez entrevistadas iniciaram no esporte ainda em sua infância ou início da adolescência e todas se envolveram com competições e/ou apresentações. Pietra relata: *“eu comecei a patinar quando eu tinha oito para nove anos, no colégio mesmo”* e Thais, que também iniciou cedo, conta: *“fui atleta por 16 anos, comecei com 7 anos e com 9 já comecei a competir e entrei na equipe de competição”*. Roberta conta que começou no esporte um pouco depois: *“A minha trajetória na patinação começou quando eu era uma criança de 11 anos e na minha época a patinação não era voltada para competição...a minha história com a patinação iniciou assim né fazendo shows”*. Os relatos dessas treinadoras ilustram que, de alguma forma, as entrevistadas estavam envolvidas com o esporte desde muito jovens, a maioria de forma competitiva, mas também por apresentações.

A maioria das entrevistadas foram monitoras antes de se tornarem professoras, como relata Betina: *“eu comecei a auxiliar a minha treinadora em algumas aulas, eu era monitora dela, tinha 14 ou 15 anos quando comecei auxiliar nas aulas de iniciação”*. Thais tem uma experiência parecida e conta: *“algumas pessoas eram chamadas para serem monitoras e eu me ofereci. Aí comecei sendo monitora de iniciante, depois intermediário, depois até cheguei a pegar uma turma inicial de equipe de competição”*. Porém, outras treinadoras não passaram por esse processo e logo assumiram turmas, como no caso de Giovana *“a gente começou a dar aulinha nessa escola de interior e era uma vez por semana, bastante criança pequena, então a gente começou bem cedo e sem monitoramento, a gente foi para dar aula”*.

Mesmo sendo monitoras de aulas e estando no meio da Patinação desde pequenas, algumas entrevistadas contaram que no início não pensavam em seguir a carreira de treinadoras de patinação, mas depois se encantaram: *“eu só me dei conta que eu queria ser técnica², seguir e ter uma escola de patinação com 17 anos,*

² No meio da Patinação Artística, principalmente em termos competitivos, as treinadoras comumente são chamadas de “técnicas” e esse termo será recorrente nos trechos de

e já dava aula a 2 anos, então foi acontecendo” (Pietra). Por outro lado, outras treinadoras sempre quiseram ensinar, como conta Carol “eu acho que eu nasci para ensinar, qualquer coisa, e como a patinação entrou na minha vida eu fui seguindo nela”. Virginia também deu um relato semelhante sobre o assunto: “quando eu era criança, bem pequena assim, eu não sabia muito bem o que eu ia ser, mas eu tinha certeza que eu queria ser professora”. Pelos discursos das treinadoras foi possível perceber que cada uma se envolveu com o esporte e descobriu seu gosto por trabalhar no meio da patinação de forma diferente.

Contudo, algumas treinadoras trabalharam em outras áreas antes de se consolidarem na patinação. Fernanda disse: *“na época da faculdade, logo que eu me formei, eu fiz uma pós-graduação em natação, então eu dividia o meu tempo, trabalhava com a patinação e com a natação”*. Além dela, outras contaram suas experiências fora da área, uma treinadora atuava como docente em escola, outra como professora em faculdade privada e outra como comissária de bordo. Ainda assim, uma parte das entrevistadas trabalhou apenas com a patinação.

Além disso, as treinadoras também foram questionadas sobre suas formações acadêmicas. Das dez entrevistadas, sete são formadas em Educação Física, duas iniciaram a graduação de Educação Física mas não concluíram e uma é formada em Fisioterapia. Dentre as que não finalizaram a faculdade, Giovana relata *“eu passei para Educação Física, fiz alguns semestres, mas daí como para Patinação não tem nenhuma cadeira na faculdade, eu realmente me desinteressei um pouco”*. O relato da treinadora sobre a ausência do esporte na graduação apareceu em algumas outras entrevistas e parece ser um fator que contribui na pouca visibilidade do esporte e necessidade de crescimento. Letícia, que também não concluiu o curso de Educação Física, faz um comentário sobre o Conselho Regional de Educação Física (CREF), que desde 2016 no Rio Grande do Sul não é mais necessário possuir o registro para ministrar aulas de patinação: *“para a Patinação não é mais obrigatório, não obriga o técnico de patinação ter CREF. Fique bem claro uma coisa: nós não podemos dar a preparação física”*. Assim como outros esportes, a patinação é um esporte com muitos detalhes e complexidade, em que a vivência é importante para poder passar os ensinamentos. Infelizmente esse esporte

não é ofertado em grande parte das universidades, o que dificulta a formação de mais professores para atuarem na área.

Neste tópico foi possível identificar algumas semelhanças e diferenças entre as treinadoras de Patinação Artística, que possuem histórias e vivências distintas umas das outras, mas que se encontram em algumas partes. Uma das semelhanças identificadas foi o início no esporte, em que todos começaram bem jovens. Além disso, a maioria foi monitora de aulas e descobriu um amor em comum pelo esporte, seguindo até hoje neste caminho. O que se distingue é como percorreram essa trajetória, suas vivências, oportunidades e obstáculos para chegar onde chegaram.

5.2 PLANEJAMENTO DAS AULAS

Durante as entrevistas, as treinadoras de patinação foram questionadas sobre a realização de um planejamento para ministrar suas aulas e responderam de diversas formas. Quatro treinadoras disseram que planejam suas aulas previamente de forma escrita, dentre elas, duas citaram que fazem uma organização mais simples, em forma de esquema e as outras duas fazem plano de aula mais detalhado, contendo as três partes principais da aula (aquecimento, parte principal e volta a calma ou alongamento) bem definidas. Betina disse: *“Eu sempre tive o cuidado de planejar aulas, porque eu não gostava de repetir muito o que eu fazia de uma aula para outra”*, que foi uma das principais motivações citadas por quem organiza a aula: diversificar os exercícios. Também foi pontuada a organização do que os alunos aprenderam e o que precisam aprender, acompanhar a evolução dos patinadores e que planejar parece ser uma credibilidade para as professoras. Sobre isso, a treinadora Pietra relata: *“tu acompanha realmente a evolução dos alunos né... é muito legal, para acompanhamento do aluno, para organização da aula e para a organização do professor, acaba engrandecendo e melhorando muito a nossa intervenção”*.

Além disso, duas treinadoras comentaram que no início de suas trajetórias faziam um planejamento escrito, mas com o tempo pararam. Segundo seus relatos, o motivo foi a falta de costume, a preguiça e que, por terem tantos anos de experiência, já internalizaram o que devem fazer durante as aulas. Uma treinadora comentou: *“eu até cheguei a fazer plano de aula no início, mas aí fica tão*

automático, tu decora tudo que tu vai fazendo, e aí eu já não fazia mais, talvez por preguiça. Mas na minha cabeça já tem montado vários tipos de aula que eu gosto de fazer e aí eu vou variando com os alunos para que não fique cansativo” (Thais). Muitos professores, de uma forma geral, não são incentivados a realizar esse processo de planejamento. Geralmente não há um momento em seus horários de trabalho destinado a isso, tendo que utilizar seu tempo de descanso ou lazer para planejar, o que pode desmotivá-los e resultar na parada desse processo de reflexão. Ademais, parece que não realizam planejamento escrito, pois não vêem tantos benefícios nessa prática, após se tornar automático parece mais fácil só mentalizar do que parar um tempo para escrever e refletir sobre o andamento das aulas, os exercícios feitos e os que ainda devem ser ensinados.

Outro caso foi o de Laura e Roberta, que relataram ter um plano geral das aulas de patinação e seguem essa lógica durante o processo de aprendizagem. Elas comentaram que foi realizada uma organização dos níveis e exercícios que os alunos devem saber fazer em cada nível e baseiam suas aulas nessa tabela, sabendo a sequência de aprendizado que devem seguir com seus alunos. Carol, diferentemente das anteriores, comenta que nunca fez planejamento escrito, apenas planeja mentalmente antes da aula o que quer realizar com seus alunos. Outra treinadora que diz não realizar planejamentos relatou: *“eu nunca organizei uma aula nem na cabeça, eu chego, eu avalio o grupo e eu já tenho milhões de coisas na cabeça; e assim que eu vou fazendo, vai terminando e eu já vou pensando em outra coisa, já vou tendo ideias”* (Giovana). A falta de um planejamento escrito e reflexivo parece muito comum no meio da Patinação Artística, ao menos das participantes dessa pesquisa, mesmo com a maioria das treinadoras tendo formação em Educação Física. É possível que seja uma questão cultural da área, talvez os exemplos que tiveram de seus professores foram aulas mais intuitivas, pois o esporte era muito recente quando a maioria iniciou, e acabaram internalizando desta forma. Além disso, as treinadoras que realizam planejamento escrito não aprenderam a organizar e planejar as aulas dentro da patinação, mas nas suas graduações e com exemplos de familiares da área da educação.

Quando falado sobre planejamento e equipe de competição, algumas treinadoras apontaram que para essas turmas também há um planejamento, mas

que ele é estruturado de acordo com os objetivos individuais para o campeonato. Esses treinos são bem técnicos, pautados na repetição dos movimentos para o aprimoramento dos mesmos. Uma entrevistada relatou: *“a equipe de competição é mais específica, a gente trabalha mais forte a técnica, o objetivo que ela tem, qual é o campeonato que ela vai ter pela frente”* (Fernanda). Nos relatos das treinadoras, pode ser percebido que elas dizem ter diferenças nas aulas de escolinha e de equipe de competição. Segundo algumas entrevistadas, as aulas que ministram na escolinha são mais voltadas para o lúdico, para o lazer, tendo diferenças na sua forma de planejar e nos objetivos para as turmas em relação com a equipe competitiva.

Também foi citado por algumas treinadoras que, apesar de realizarem um plano, independente da forma que o realizam, não é um plano fechado, ele pode sofrer alterações e faz parte do processo, como citado no trecho a seguir: *“a gente tem o plano básico da aula, mas ele pode variar, porque às vezes tu planeja fazer determinadas coisas, mas naquele dia a turma não tá focada para aquilo né...então tu tem que ter algumas variações”* (Laura). Uma discussão muito interessante, pois é comum durante as aulas alguma atividade não funcionar como imaginado, o que não é um problema, mas a professora deve estar atenta ao andamento de sua aula e rapidamente propor alterações. Neste momento entra o *“feeling”*³ que a professora deve ter durante a aula, que foi falado pelas entrevistadas e destacado como importante. Se a atividade não está sendo muito produtiva, por diversos fatores, é interessante que a professora tenha um repertório que esteja alinhado com seus objetivos para alterar o exercício.

Portanto, pelas falas de algumas treinadoras, alguns aspectos parecem ser importantes no processo de planejamento e ensino aprendizagem: definir os objetivos para os(as) patinadores(as), definir o que quer ensinar e de que forma vai ensinar. Para isso, analisar a turma em questão parece ser um ponto muito interessante para proporcionar a melhor experiência possível para os alunos. Fernanda relata sobre o assunto: *“se eu vou trabalhar com tal turma, e é uma turma que tá começando, que objetivo eu quero? Que ela aprenda a ficar em cima dos*

³ *“Feeling”* é a capacidade de sentir uma situação. Quer dizer que temos uma impressão/intuição, baseada em nossa vivência, sobre qual caminho seguir para alcançar os objetivos que desejamos.

patins, deslizar? Então vou trabalhando alguns objetivos assim para determinada turma”.

Devido a diferentes objetivos e processos de aprendizagem dos alunos ao ingressarem na patinação, é importante adequar as aulas de acordo com as turmas, para melhor atender a todos. O ideal seria que as turmas fossem de níveis homogêneos, mas nem sempre é possível, principalmente devido à pouca disponibilidade de horários nos ginásios. E por ser um esporte individual, muitas vezes é necessário fazer diversos planejamentos para uma mesma aula, uma dificuldade que fica clara na fala de uma das professoras: *“por que a organização de um cronograma de aula é bem complicada? Porque a aula é de grupo e cada um tem um desenvolvimento um pouquinho diferenciado, então eu tenho que ir mais ou menos onde cada um está, aula em grupo, porém atendimento individual”* (Letícia). Essa dificuldade ocorre, pois muitas vezes em uma mesma turma temos, por exemplo, alunos que estão iniciando no esporte juntamente com outros que já estão a um ano fazendo aulas, não tendo como os mesmos exercícios serem passados para os dois, pois seria muito desestimulante para um aluno e muito difícil para o outro.

Quando questionadas sobre a importância do planejamento, praticamente todas as entrevistadas disseram ser importante para as aulas de Patinação, inclusive as que disseram que não o fazem. A fala de Thais remete a parte reflexiva que o planejar traz para os treinadores: *“quantos exercícios que a gente nunca fez e muitos outros que poderia fazer, que é o mesmo exercício que tá acostumada mas de uma forma diferente, com algum detalhe diferente? Então acho que o plano de aula faria a gente pensar mais”*. Pensando nisso e relacionando com o texto “Treinador sim, técnico não” do autor Alcides Scaglia, será que a aproximação da prática com a teoria está ocorrendo no mundo da patinação? Será que os treinadores apenas replicam o que aprendem com outros professores ou refletem e analisam mais criticamente a sua prática? O processo de ação e reflexão entre e durante as aulas está acontecendo?

Para além disso, Betina deu a seguinte resposta ao ser questionada sobre a importância do planejamento:

Se a gente quer que o nosso esporte cresça, não digo só competição, que ele cresça de visibilidade né, eu acredito que a estrutura de tudo isso é a base. Então, planejar a base, ter um método, ter um planejamento dentro da base. Isso deixa o nosso trabalho com mais credibilidade também, então acredito que planejar aulas, dedicar tempo para isso, vai trazer um retorno de tranquilidade também para fazer o teu trabalho.

A patinação sobre rodas ainda é um esporte em desenvolvimento e com pouca visibilidade, em geral não se aprende sobre o assunto na faculdade, não está nos Jogos Olímpicos e raramente passa na televisão. Acredito que uma mudança de mentalidade das treinadoras em relação ao planejamento poderia contribuir para o crescimento e desenvolvimento do esporte, possibilitando também que mais professores se formem e deem aulas.

Por fim, a treinadora Carol comentou sobre as aulas: *“uma patinação boa não funciona sem um olhar crítico, nada tá tão bom que não possa melhorar”*, referindo-se ao papel das treinadoras. Para isto, é interessante que as treinadoras analisem como está o desenvolvimento de sua prática pedagógica e como os alunos correspondem, para refletirem o que pode ser aprimorado ou mudado. Segundo Milistetd *et al* (2017, p.3, tradução nossa), “a capacidade de um treinador de maximizar os resultados dos atletas não reside apenas no conhecimento profissional e interpessoal, mas também na constante reflexão, avaliação e revisão de sua própria prática”. Planejar é importante, mas também é necessário se ater aos detalhes para entender se o planejamento está adequado ou se uma mudança de planos deve ser considerada.

De forma geral, todas as treinadoras entrevistadas adotaram estratégias para conduzir suas aulas da melhor maneira e passar seus conhecimentos para seus alunos. Apesar disso, nem todas planejam de forma escrita, algumas planejam mentalmente, outras de forma mais intuitiva, analisando no momento da aula as necessidades da turma, parecendo ser muito individual a forma de organizar e planejar aulas de patinação. Contudo, escrever parece ter alguns benefícios, pois faz com que a treinadora reflita, defina seus objetivos, tenha registro dos exercícios feitos, consiga variar as aulas, além de acompanhar a evolução e desenvolvimento de seus alunos. Isso não exclui a importância do planejamento mental e da intuição durante as aulas, possibilitando que os patinadores tenham um melhor aproveitamento e possam aprender o máximo possível.

5.3 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

Em relação ao desenvolvimento das aulas, as treinadoras citaram diversos exemplos sobre como funcionam as aulas que ministram, algumas foram mais objetivas e outras detalharam mais. Tendo em vista as escolinhas de iniciação à Patinação Artística, pareceu muito importante para a maioria das treinadoras a utilização da ludicidade, já que grande parte dos alunos são crianças. Fernanda relata: *“na escolinha a gente usa a metodologia recreativa, a criança tem que gostar de patinar, ela vai desenvolver todas as habilidades...mas de forma lúdica, a gente vai brincando vai fazendo atividades para que ela sinta o prazer de estar ali”*. A brincadeira também está muito presente nas falas das treinadoras, muitas vezes utilizadas para desenvolver habilidades do esporte, como cita Laura: *“fazemos brincadeiras já tentando desenvolver alguns movimentos básicos, o equilíbrio sobre um pé, ficar flexionado...mas sem uma proposta de técnica mais apurada”*. Para crianças pequenas, aprender brincando pode ser uma alternativa muito efetiva, pois pode fazer com que ela tenha mais animação e empenho na aula. Cabe ao treinador ou treinadora refletir e alinhar as brincadeiras com os objetivos das aulas para chegar aos resultados esperados (MARQUEZ, 2011). Ainda foi destacado por algumas treinadoras, que são formadas na faculdade de Educação Física, que trazem algumas brincadeiras utilizadas em aulas de escola e de outros esportes para as aulas de patinação, o que enriquece e diversifica o trabalho. A fala de uma entrevistada relata tal questão: *“a gente vai inventando assim, atividades que a gente usaria numa aula de Educação Física pensadas com os patins”* (Fernanda).

Algumas treinadoras comentaram que utilizam materiais durante as aulas e que para as crianças é muito interessante. Segundo Souza (2007, p. 111), *“recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”*. Betina comentou sobre sua experiência: *“eu tentava usar muito material, eu usava muito a bola, o arco, o cabo de vassoura, os cones”*. O uso dos materiais é um recurso didático-pedagógico que pode fazer com que as crianças se motivem mais com as atividades propostas, aprendendo e se divertindo. Porém, o treinador tem papel crucial nesse processo, devendo estar preparada para utilizar esses recursos a fim de alcançar seus

objetivos com a turma (SOUZA, 2007). Além desses materiais, a música também foi citada, como ilustrado no trecho da fala de Virginia: *“faço atividades de deslizamento básico, andar de frente, em que eu já começo a tentar introduzir ritmo, música”*. Giovana também conta como utiliza a música em suas aulas: *“Às vezes a gente leva figurino, leva acessório e daí a gente tenta colocar uma música, estimular nelas a criatividade”*. Estimular diversas áreas e possibilidades pode contribuir com o desenvolvimento mais completo das habilidades das pessoas, muito além dos movimentos da patinação, mas outras qualidades também.

Uma característica que foi bastante citada é a motivação dos alunos nas aulas. A diversificação dos exercícios foi comentada como uma forma de manter os alunos motivados e conectados, mudando detalhes para estimular de formas diferentes. Uma treinadora relata: *“[...]por exemplo o carrinho, eu tentava fazer atividades diferentes para aquele elemento, então muitas vezes eu fazia brincadeira né, trazia atividades mais lúdicas para aula para trabalhar o mesmo elemento de forma diferente”* (Betina). Thaís também cita a diversificação no trecho a seguir: *“qualquer coisa que tu puder colocar de diferente vai fazer diferença pro aluno, pra tu poder manter o aluno motivado nas aulas”*. Um dos papéis das treinadoras, na medida do possível, pode ser a busca de estratégias para manter os alunos atraídos na sua aula, participando das atividades, por isso, diversificar é uma opção para motivar, já que desafia e muda o estímulo. Outra estratégia citada foi a troca de turma para estimular o aluno, como cita uma treinadora *“outra coisa que também estimula muitas crianças de escolinha é não ficar muitos anos na mesma turminha, tu vê que a criança deu uma melhorada, coloca ela para uma turminha mais intermediária”* (Giovana), o que pode fazer com que a criança se inspire vendo outros colegas e outros exercícios. Apesar de algumas treinadoras citarem estratégias para motivar os alunos, nem sempre isso é possível, algumas crianças acabam não se identificando com o esporte, ou por outros fatores, não se estimulam na Patinação, o que não significa que seja uma falha do professor, apenas uma incompatibilidade.

Ainda sobre a motivação dos alunos, o feedback positivo é uma ferramenta muito interessante, assim como destaca Pietra: *“a principal característica que eu assumi em todas as aulas é o feedback positivo e a questão de valorizar o aluno, o que ele faz de bom, então sempre tentar o reforço positivo”*. O feedback após boas tentativas de prática beneficia a aprendizagem, porque influencia a percepção de

competência dos aprendizes (CHIVIACOWSKY, 2020). O feedback faz com que o aluno se sinta confiante e capaz de realizar a atividade, o que pode ser muito positivo para os alunos com maiores dificuldades e para os com mais facilidade também.

Além disso, entender a importância do equilíbrio durante as aulas foi comentado por Giovana *“levar uma aula que tenha de tudo, que tem a parte recreativa, que tenha treino, que não seja só brincar e que não seja só treinar, realmente uma aula divertida, criativa e que tenha todos os elementos da patinação”*. Na iniciação, apesar de estarem nas aulas para aprender, as pessoas também querem se divertir, ter prazer em estar patinando, melhorar sua saúde, por isso o equilíbrio se torna importante, nem todos tem os mesmo objetivos, nem todos querem ser atletas e competir, e isso deve ser compreendido pelas treinadoras.

Para isso, sentir a turma e como estão reagindo no dia com as atividades propostas parece um ponto importante, sendo citado por algumas treinadoras. Virgínia relatou sobre isso: *“a gente tem que ter um feeling do momento né, eu planejava o que eu queria mas a intensidade, o número de pausas, depende muito do estado afetivo que elas chegavam para mim, isso depende”*. Isso nos leva a refletir novamente que, apesar da importância do planejamento, nem sempre ele ocorre da maneira que esperamos, é interessante que a treinadora tenha a sensibilidade de entender e também o preparo para fazer alterações caso necessário. Faz parte da prática pedagógica e do processo reflexivo de professores e professoras das diversas áreas, ter os objetivos claros ajuda nesses momentos.

Outro ponto destacado como importante para o desenvolvimento das aulas é a demonstração dos exercícios pelas treinadoras, como relata Thais *“eu acho sim que o professor deve estar de patins, que o professor tem que mostrar, pelo menos pro nível iniciante e intermediário ele tem que saber fazer e tem que saber demonstrar com qualidade para que o aluno entenda”*. O que é muito interessante para os alunos iniciantes, tendo em vista que algumas pessoas aprendem melhor com a visualização do que só com a fala. Segundo Marquez (2011, p. 12), *“toda atividade que se apoia em vivências corporais, deve buscar educadores mais ativos, interativos e envolvidos corporalmente com as crianças e suas brincadeiras”*. Contudo, às vezes a treinadora pode estar passando por alguma situação em que não possa demonstrar ou estar de patins, o que não desvaloriza seu trabalho. Uma

alternativa para esses casos seria pedir ajuda para a monitora da aula ou a algum aluno mais experiente demonstrar.

Em síntese, uma parte das entrevistadas parece achar importante se utilizar de ludicidade, brincadeiras, materiais, música, feedback positivo, entre outros, durante o desenvolver de suas aulas, principalmente em relação a iniciação, e que isso contribui para o aprendizado dos alunos. Além disso, alguns também consideram que ter o feeling da turma e entender que o planejamento é flexível a mudanças deve fazer parte da prática dos treinadores para ministrar boas aulas.

5.4 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS

Durante as entrevistas surgiram alguns comentários sobre a estrutura das escolas de patinação. Betina comentou que na sua escola conseguiu formar uma equipe de treinadoras e treinadores e que eles se reúnem mensalmente para discutir as aulas, os planejamentos e as dificuldades dos alunos. A treinadora disse: *“hoje eu tenho uma equipe de professores que me ajuda muito nessa parte de iniciação, a gente tem cuidado de fazer uma reunião mensal para planejar as aulas do mês, falar sobre os alunos e também para ver se algum professor tem dúvida”* (Betina). As treinadoras devem ser incentivadas a discutir e refletir sobre sua prática, com intuito de engrandecer suas capacidades de intervenção pedagógica e compartilhar experiências e informações sobre treinamento (MILISTETD *et al*, 2017). Essa estruturação que foi criada na escola é muito interessante e pouco comum de se ver, um momento de unir os professores da escola e discutir as dificuldades, os casos e o andamento das aulas pode enriquecer muito o trabalho, faz pensar e trocar ideias. É um diferencial dessa escola e que não foi citado nas demais entrevistas.

Além disso, a quantidade de aulas na semana também parece fazer diferença, como citou Giovana *“a gente botou por regra: escolinhas só uma vez por semana, porque quando elas vem na semana seguinte elas tão muito animadas para patinar, tu consegue repetir atividades que não se tornam cansativas como era duas vezes por semana”*. Essa questão também foi levantada em outra entrevista, pois no início se aprende muitos exercícios novos, mas em determinado momento esse aprendizado é mais lento, e quando se faz mais de uma vez na semana as aulas podem se tornar mais repetitivas, desmotivando o aluno. Neste momento a criatividade do professor é importante para variar os exercícios, criar atividades diferentes para captar a atenção dos alunos.

Contudo, a falta de estrutura física também é um problema, como cita Laura *“eu acho que um dos maiores problemas que eu vejo da patinação, para todos os profissionais, é que tu não tem o espaço físico adequado para aquilo que tu vai fazer, e aí o que acontece é que às vezes tu tem horários restritos”*. E essa dificuldade em horários e disponibilidade de ginásio tem algumas consequências na organização e planejamento das aulas. Letícia comenta: *“por falta de estrutura, não se tem condições de fazer isso, porque são poucas escolas que têm horários plenos para patinação e que conseguem dividir a turma exatamente homogênea, que seria uma coisa ideal”*. Essa dificuldade foi citada por outras treinadoras também, e é um fator limitante na prática pedagógica, mas talvez não seja um problema exclusivo da patinação. Laura complementa: *“tem tanta coisa para se fazer, só que como é que tu vai fazer isso se a pessoa não tem o tempo para poder fazer isso, aí tu acaba fazendo uma aula geral para tentar atender dentro da realidade tu tem”*.

Com isso, foi observado que as escolas têm diferentes estruturas para a realização das aulas de patinação, algumas treinadoras compartilham das mesmas dificuldades e tentam driblá-las como podem. Como uma treinadora organiza aulas produtivas para seus alunos, tendo turmas mistas e pouca disponibilidade de horários? É possível atender a todos de forma satisfatória com grande diferença de níveis dentro de uma turma ou se torna uma aula muito generalista? São questionamentos a se fazer.

5.5 REFLEXÕES DAS TREINADORAS

Durante as entrevistas algumas treinadoras fizeram comentários que foram considerados relevantes e que podem ser interessantes para discussões. Em mais de uma entrevista foi mencionado que muitas escolas de patinação tem um foco maior na equipe competitiva e acabam deixando a iniciação do esporte como menos importante. Isso é apontado como um problema no relato de Virgínia: *“muitas escolas de patinação estão deixando de lado a escolinha, então vejo muitas vezes essa atividade ficando com monitores ou com atletas, para defender um trocado, e o técnico principal vai lidar com os atletas de elite. A escolinha fica meio negligenciada, eu acho isso muito perigoso”*. É interessante a reflexão sobre isso, pois o esporte é muito mais amplo do que somente a competição, uma parcela pequena de praticantes entram para o mundo competitivo, a grande maioria está no esporte por lazer, saúde e por gostar de realizar aquela atividade. Além disso, o

atleta de elite se forma na base, portanto, quanto melhor a qualidade da base, mais chances de ter alunos que possam ingressar no meio competitivo e mais os alunos vão aprender no esporte. A treinadora Betina também compartilha opinião semelhante e complementa: *“a competição para nós é só um caminho a mais, a minha ideia com a escola é usar a patinação para desenvolver habilidades físicas, motoras, emocionais, e quem quiser e tiver oportunidade de seguir para competição, beleza, a gente vai abraçar e vai levar”*.

Sobre o esporte, seus treinadores e seu crescimento, Laura comenta:

Eu sempre falo em união né, mas é tão difícil das pessoas entenderem que a patinação, se ela explodir tu não vai poder ter um técnico, nem dois, nem cem, nem duzentos, vai ter que ter mil técnicos. Aí teria que ter uma cadeira na faculdade para poder desenvolver realmente a patinação como uma modalidade e fazer com que mais profissionais da Educação Física se interessassem em ministrar patinação, nem que fosse lado básico para depois quem sabe aos poucos ir tendo técnicos para trabalhar no alto rendimento.

Segundo a treinadora, se o esporte crescesse, precisaríamos de mais treinadores para suprir a demanda, mas ainda há muitos desafios para isso acontecer. Essa questão da universidade foi abordada em outras entrevistas também, e foi motivo de uma das treinadoras não ter se interessado em seguir a faculdade de Educação Física.

Além disso, outro ponto interessante foi uma treinadora que contou sobre sua forma de ministrar aulas: *“Meu modo de dar aula foi inspirado em diversos professores que eu tive na vida, não só professores de patinação” (Carol)*. Ela conta também que até seu professor de autoescola utilizou uma metodologia que ela achou interessante e resolveu aplicar na patinação. É um relato muito interessante, pois mostra que podemos nos inspirar em diversas pessoas e áreas, adaptando para nossa realidade conseguimos melhorar nossa prática pedagógica. Outra treinadora contou que seu modo de dar aulas é inspirado em professores da faculdade de Educação Física, mas que na área da patinação aprendeu a como não ministrar aulas.

Por fim, a treinadora Pietra faz um comentário interessante: *“aprendi muito nesse período que eu tenho escola, na verdade aprendi tudo que eu sei de patinação em dois anos, foram dez anos de aprendizado em dois”*. Isso reflete em como o processo de ensino-aprendizagem pode ser rico, o professor e/ou treinador

estando em constante aprendizado parece conseguir passar experiências mais variadas e pertinentes para seus alunos, potencializando esse processo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no objetivo desta pesquisa, que foi conhecer as percepções de treinadoras de Patinação Artística do Rio Grande do Sul sobre suas práticas pedagógicas e refletir sobre seus planejamentos, acredito que foi possível compreender como uma parte dessas treinadoras organizam e planejam suas aulas. Foi percebido que todas realizam algum tipo de planejamento, mas nem todas o fazem de forma escrita, sendo também observados nesta pesquisa planejamentos mentais e intuitivos. Apesar de o planejamento escrito parecer ter vantagens sobre os demais, pois pode favorecer a organização e a reflexão sobre as aulas, não necessariamente é o único caminho que as treinadoras têm a seguir. Uma boa justificativa para fazê-lo, que foi citada nas entrevistas, é a diversificação das aulas e dos exercícios, para não se tornarem repetitivos e abrangerem o máximo de experiências possíveis dentro da Patinação. Também foi citado o acompanhamento dos alunos e de sua evolução. Na prática sabemos que há alguns obstáculos para a realização de um planejamento, que também foram citados nas entrevistas, como os poucos horários disponíveis em ginásios e as turmas de níveis mistos, além da falta de tempo e incentivo. Tudo deve ser avaliado e considerado, de acordo com as necessidades dos alunos, das turmas em questão e das facilidades e dificuldades da treinadora.

Outros pontos considerados importantes, citados nas entrevistas de algumas treinadoras, é utilizar nas aulas a ludicidade, brincadeiras, música e recursos pedagógicos. Além disso, dar feedback positivo, ter o *feeling* da turma e entender que o planejamento é flexível também foi considerado relevante pelas treinadoras.

Contudo, alguns questionamentos ainda ficam presentes: seria o planejamento e organização estruturada a chave para o crescimento da Patinação como esporte? Talvez isso esteja dentro de um conjunto de fatores, como ser um esporte caro, com pouco incentivo, não ser oferecido em tantos lugares como por exemplo o futsal e em grande parte não haver disciplinas na universidade, que poderiam possibilitar que mais profissionais da Educação Física tivessem oportunidade de contato e interesse pela área. Se todas as treinadoras fizessem planejamento escrito e reflexivo, é possível que as aulas tivessem maior qualidade e desenvolvimento, mas não quer dizer que sem esse planejamento as treinadoras não ministrem boas aulas e não atinjam seus objetivos, podendo ser mais um motivo para algumas não o realizarem.

Por fim, como planejar de forma efetiva tendo tantos obstáculos como pouco tempo disponível para aulas e turmas muito mistas? Esses desafios tornam mais difíceis a realização de um planejamento de qualidade e que funcione para a Patinação, sendo necessária uma dedicação muito grande para isso.

Ainda que nas entrevistas tenha ficado mais claro como algumas treinadoras do estado do Rio Grande do Sul realizam esse processo, outras dúvidas surgiram durante a realização desse trabalho, sendo necessárias mais buscas na área da Patinação Artística para esclarecê-las. Além disso, parece ser interessante uma união entre treinadoras/es para que juntos ajudem a Patinação a crescer e se desenvolver mais, tornando um esporte com mais visibilidade e possibilidade de prática.

REFERÊNCIAS:

BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física - Uma contribuição ao coletivo docente. Porto Alegre: Movimento, 2002, p. 31-39.

BRANDÃO, L. Histórias esquecidas do esporte. Conexões, v. 7, n. 2, p. 13-23, 2009.

BRAUN, Virginia *et al.* Using thematic analysis in sport and exercise research. In: SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise. 2017, p. 191-205.

CHIVACOWSKY, Suzete. O PAPEL MOTIVACIONAL DO FEEDBACK NA APRENDIZAGEM MOTORA: Evidências, interpretações e implicações. London: Advancements in Mental Skills Training, 2020.

CORTELA, Caio Corrêa *et al.* PLANEJAMENTO: um componente do Ciclo PCA pouco valorizado no Tênis. In: CORTELA, Caio Corrêa; SOUZA, Silvio Pinheiro de. Tênis com Ciência. Curitiba: CRV, 2021. p. 209- 242.

DEWES, J. O. Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling : uma descrição dos métodos. 2013. Monografia apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Estatística.

DIAS, L.N. O desempenho e a influência do salto vertical sobre patins nas etapas do desenvolvimento da patinação. 2006. Trabalho de conclusão de curso de especialização. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE PATINAGEM. Federação. Disponível em:

<https://fgp.org.br/index.php/a-federacao>

Acesso em: 29 set. 2021.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE PATINAGEM. Listagem de Atletas, Técnicos e Árbitros Federados. 2019. Disponível em: <http://fgp.org.br/index.php/noticias-interna/listagem-de-atletas-tecnicos-e-arbitros-federados-101>.

Acesso em: 5 abr. 2020.

GAYA, Adroaldo. Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da educação física, 2016.

GINCIENE, Guy *et al.* Ensino do Tênis e a prática pedagógica dos professores. Goiânia: Pensar a Prática, v.22, 2019.

GRESSLER, Lori Alice. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. 2. ed. rev. atual.. São Paulo : Loyola, 2004.

KAHLLMEYER-MERTENS, Roberto *et al.* Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MARQUEZ, Christine Garrido. Aprender Brincando. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. Goiás, 2011.

MILISTETD, Michel *et al.* SPORTS COACH EDUCATION: GUIDELINES FOR THE SYSTEMATIZATION OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN BACHELOR PROGRAM IN PHYSICAL EDUCATION. J. Phys. Educ. v. 28, e2849, 2017.

SCAGLIA, Alcides. Treinador sim, técnico não. Disponível em:
<https://campus.universidadedofutebol.com.br/treinador-sim-tecnico-nao/>

Acesso em: 20/09/2021

SOUZA, Salete Eduardo de. O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO ESCOLAR. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: "Infância e Práticas Educativas". Arq Mudi. 2007, p. 110-114.

TUDURY, G. A motivação na prática da Patinação Artística: uma revisão de literatura. 2012. Trabalho de conclusão de curso II, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Apêndice A - Roteiro de perguntas para a Entrevista

1. Qual sua trajetória na Patinação Artística? Você foi atleta?
2. Como se interessou por ser treinador?
3. Qual sua formação?
4. Como se atualiza para ser treinador?
5. Como costumam ser as aulas de Patinação que você ministra? Utiliza alguma metodologia?
6. Faz algum planejamento antes de ministrar as aulas? Se sim, como?
7. Caso não faça um planejamento, por quê?
8. Acredita que o planejamento é importante para melhorar a qualidade dos treinos? Como ele poderia contribuir para aprimorar o esporte?
9. Seu modo de dar aulas foi inspirado em algum treinador?